

CARTA A UM ESTETA



COUTINHO
CABRAL

croquis de JOSÉ de BRAGANÇA

CRONICA

ENVIO-LHE, meu caro amigo, o primeiro número da «Contemporanea». Não sou administrador da revista, nem, muito menos, o «compère». Mas sou um pobre moço que vivia a vida esteril da geração que o precedeu e que um dia foi despertado para viver a vida da sua propria geração. Ah! meu caro amigo! Não sabe você o trabalho que dá esta coisa simples — viver a propria vida. Todos nós, de ha muitas gerações para cá, vimos para o mundo sem nos desligarmos da vida que nos precedeu. Esquecemo-nos todos, artisticamente — de cortar o cordão umbilical. A minha geração está realizando esse trabalho. Não são, como você ingenuamente os capitula — futuristas. São apenas — contemporaneos. E com que esforço, n'um país que o não é! E sabe você o que é ser contemporaneo? Você é capaz de se rir. De se supor, perfeitamente e inegavelmente, «contemporaneo». No entanto você — engana-se.

Você é um antepassado, — um antepassado de si proprio. O aeroplano Foirey que vae a caminho do Brazil, de tela e de aluminio, motor «Rolls-Royce», movido a gasolina, guiado por um homem sereno e pratico, de bigode á americana e por um lobo do mar, glabro e ironico — despertou em você, meu caro amigo, uma emoção romantica. Você viu-os ir, como quem vê partir — uma caravela!

E no entanto o «raid» ao Brazil é um acto que só pode ser visto com olhos de Hoje. Por isso você delirou de entusiasmo — quando eu queria que você reflectisse. Você tomou-o por uma aventura heroica — quando se trata de uma travessia matematica. Vê? Não se acha você — antepassado?

Mais. Você é mais antepassado do que os seus antepassados. Os nossos avós de 1400 foram á India com um espirito muito mais pratico e scientifico do que aquele com que você, em sonhos heroicos, os vê partir.

Você tem o culto da lenda — e isso tira-lhe a noção exata das coisas. Dirá você que isto é tirar á vida toda a poesia. Talvez. Mas nem só a poesia é Beleza. Você estraga a vida — a retocal-a. Você ha-de morrer — sem nunca ter vivido a sua vida.

Foi esse erro, a que você chama sonho e a que eu chamo hipocrisia, que o levou a eleger para Arte, uma convenção de natureza, que não passa de um pseudonimo da Natureza.

Você educou a sua vista n'umas suavidades de forma, n'uma nitidez de pormenores, n'uma ordenação de planos, n'uma natureza por ordem alfabetica — que o impede de ver a Natureza tal qual é, ou seja: alguma coisa de tão inedito sempre, de tão extranho, de tão inexplicado, de tão tumultuoso, de tão contraditorio, de tão vivo e de tão grande, que só vive-a — absolve a vida.

Você, que, aliás, tem o culto dos «nús», vê a vida vestida. D'ai a sua incompreensão quando lh'a apresentam despida — despida de convencionalismos, de hipocrisias, de retoques.

A você disseram-lhe um dia que certa cor é «branca». E essa afirmação, — foi a sua desgraça. Porque pode o sol manchal-a de «laranja», pode o ceu tonalisal-a de azul, pode a sombra emprestar-lhe verdes — que você não vê senão branco, porque tem a certeza de que é branco.

Você não é um homem que vê. É um homem que sabe. Você tem certezas. E, ai! de quem for contra elas!

Você é um grêgo, — sans «blague». . Você é uma vitima do grande sonho de Beleza Grêga — o sonho de Harmonia, de Eleganciá, de Extase que fez dos Gregos cidadãos honorarios da Eternidade, — e os deixou vencer por Roma. E se eles foram vencidos no seu tempo, — o que quer que lhe aconteça a si, no nosso?

Quando você supõe que faz arte, você faz apenas — anacronismo. Supõe que ressuscita a Grecia — e faz apenas a «reprise» da «Phi-Phi».

«A Arte Grega inspira Bondade» leu você em Anatole. Pois a Arte moderna, inspira Alegria. Alegria e Força. Mais beleza, menos beleza? Não. Outra. A Beleza é que mudou. E a Beleza que envelhece, — deixa de o ser...

Mas, meu caro amigo, isto é ver a luta da Arte moderna contra a Arte consagrada pelo seu aspecto mais heroico e mais elevado. Porque afinal nós sabemos muito bem que os seus ideais de plastica grega lhe vieram por intermedio do Sr. Simões, sobrinho. Se Phidias, que fez uma Minerva de marfim e oiro, pudesse ver os seus descendentes a fazerem Venus de chifre e latão, perceberia que não ha Arte, por mais bela e magnifica, que não tenha um flanco de ridiculo.

Depois, meu caro amigo, Phidias, Praxiteles, Zeuxis, não fariam aquela arte de maravilha, se tivessem apenas uma vez na sua vida — andado de «eletrico.» Como quer você «continual-a», você que vem todos os dias das Avenidas novas?

Vê você porque não é «contemporaneo? Você vive em projeção. Você vive a olhar para traz, esquecido de si e do tempo e do espaço que rola á sua volta, do mundo de Beleza nova, movediça, crepitante, estuante e viril, que gira em torno de si. Ou se vê, espera. Espera, como aquele ebrio, que ao ver andar as casas á roda, tirou a chave do bolso para abrir a porta, quando passasse a sua...

Mas, meu caro amigo, o que passou não volta mais. Quer isto dizer que o Passado para Nós não existe? Existe. Mas como um ponto de referencia para sabermos exatamente onde estamos.

Vocês esgotaram a vida. E o que é pior — esgotaram Portugal. Portugal, como vocês, não é «contemporaneo». Nem europeu. Perdeu o seu logar no tempo e no espaço, por vossa causa.

O que nos resta? Voltar ao principio. Começar de novo. Nós somos os «primitivos» d'uma vida nova que se desenha. Vamos viver de novo Portugal — com outros olhos, outras tintas, outra alma. Vamos viver-o com azas, com motores, com movimento. Vamos dar a volta a Portugal — mas correndo-o no sentido da rotação do mundo...

AFONSO DE BRAGANÇA

COUTINHO
CABRAL

N'este numero, reproduzimos em «hors-texte» :

- 1.º — **PESCADORES**, de João Vaz
 - 2.º — **Auto-retrato** de Almada
 - 3.º — **VARINAS**, de Ernesto do Canto
 - 4.º — **L'ADIEU**, de Diogo de Macedo.
 - 5.º — **CABEÇA CONTEMPORANEA**, de Antonio Soares.
-

No proximo numero: Um excerpto da Conferência
A ARTE DE BEM MORRER
que Antonio Ferro vae realizar no Rio de Janeiro.



ALMADA
AUTO-RETRATO

O BANQUEIRO ANARCHISTA

POR

FERNANDO PESSOA

CABRAL
COUTINHO

TINHAMOS acabado de jantar. Defronte de mim o meu amigo, o banqueiro, grande commerciante e açambarcador notavel, fumava como quem não pensa. A conversa, que fôra amortecendo, jazia morta entre nós. Procurei reanimá-la, ao acaso, servindo-me de uma idéa que me passou pela meditação. Voltei-me para elle, sorrindo.

— E' verdade: disseram-me ha dias que v. em tempos foi anarchista ...

— Fui, não: fui e sou. Não mudei a esse respeito. *Sou* anarchista.

— Essa é boa! V. anarchista! Em que é que v. é anarchista?... Só se V. dá á palavra qualquer sentido differente...

— Do vulgar? Não; não dou. Emprégo a palavra no sentido vulgar.

— Quer V. dizer, então, que é anarchista exactamente no mesmo sentido em que são anarchistas esses typos das organizações operarias? Então entre V. e esses typos da bomba e dos syndicatos não ha differença nenhuma?

— Differença, differença, ha... Evidentemente que ha differença. Mas não é a que V. julga. V. duvida talvez que as minhas theorias sociaes sejam eguaes ás d'elles?...

— Ah, já percebo! V., quanto ás theorias, é anarchista; quanto á prática...

— Quanto á prática sou tão anarchista como quanto ás theorias. E quanto á prática sou mais, sou muito mais, anarchista que esses typos que V. citou. Toda a minha vida o mostra.

— Hein?!

— Toda a minha vida o mostra, filho. V. é que nunca deu a estas cousas uma attenção lucida. Por isso lhe parece que estou dizendo uma asneira, ou então que estou brincando comsigo.

— O' homem, eu não percebo nada!... A não ser..., a não ser que V. julgue a sua vida dissolvente e anti-social e dê esse sentido ao anarchismo...

— Já lhe disse que não — isto é, já lhe disse que não dou á palavra anarchismo um sentido differente do vulgar.

— Está bem... Continúo sem perceber... O' homem, V. quer-me dizer que não ha differença entre as suas theorias verdadeiramente anarchistas e a prática da sua vida — a prática da sua vida como ella é agora? V. quer que eu acredite que V. tem uma vida exactamente igual á dos typos que vulgarmente são anarchistas?

— Não; não é isso. O que eu quero dizer é que entre as minhas theorias e a prática da minha vida não ha divergencia nenhuma, mas uma conformidade absoluta. Lá que não

tenho uma vida como a dos typos dos syndicatos e das bombas — isso é verdade. Mas é a vida d'elles que está fóra do anarchismo, fóra dos ideaes d'elles. A minha não. Em mim — sim, em mim, banqueiro, grande commerciante, açambarcador se v. quizer —, em mim a theoria e a practica do anarchismo estão conjunctas e ambas certas. V. comparou-me a esses parvos dos syndicatos e das bombas para indicar que sou differente d'elles. Sou, mas a differença é esta: elles (sim, elles e não eu) são anarchistas só na theoria; eu sou-o na theoria e na practica. Elles são anarchistas e estúpidos, eu anarchista e intelligente. Isto é, meu velho, eu é que sou o verdadeiro anarchista. Elles — os dos syndicatos e das bombas (eu também lá estive e sahi de lá exactamente pelo meu verdadeiro anarchismo) — elles são o lixo do anarchismo, os femeas da grande doutrina libertaria.

— Essa nem ao diabo a ouviram! Isso é espantoso! Mas como concilia v. a sua vida — quero dizer a sua vida bancaria e commercial — com as theorias anarchistas? Como o concillia v., se diz que por theorias anarchistas entende exactamente o que os anarchistas vulgares entendem? E v., ainda por cima, me diz que é differente d'elles por ser *mais* anarchista do que elles — não é verdade?

— Exactamente.

— Não percebo nada.

— Mas v. tem empenho em perceber?

— Todo o empenho.

Elle tirou da bocca o charuto, que se apagára; reaccendeu-o lentamente; fitou o phosphoro que se extinguiu; depol-o ao de leve no cinzeiro; depois, erguendo a cabeça, um momento abaixada, disse:

— Oiga, Eu nasci do povo e na classe operaria da cidade. De bom não herdei, como pode imaginar, nem a condição, nem as circumstancias. Apenas me aconteceu ter uma intelligencia naturalmente lucida e uma vontade um tanto ou quanto forte. Mas esses eram dons naturaes, que o meu baixo nascimento me não podia tirar.

«Fui operario, trabalhei, vivi uma vida apertada; fui, em resumo o que a maioria da gente é naquelle meio. Não digo que absolutamente passasse fome, mas andei lá perto. De resto, podia tel-a passado, que isso não alterava nada do que se seguiu, ou do que lhe vou expor, nem do que foi a minha vida, nem do que ella é agora.

«Fui um operario vulgar, em summa; como todos, trabalhava porque tinha que trabalhar, e trabalhava o menos possível. O que eu era, era intelligente. Sempre que podia, lia coisas, discutia coisas, e, como não era tolo, nasceu-me uma grande insatisfacção e uma grande revolta contra o meu destino e contra as condições sociaes que o faziam assim. Já lhe disse que, em boa verdade, o meu destino podia ter sido peor do que era; mas naquella altura parecia-me a mim que eu era um ente a quem a Sorte tinha feito todas as injustiças juntas, e que se tinha servido das convenções sociaes para m'as fazer. Isto era ahi pelos meus vinte annos — vinte e um o maximo — que foi quando me tornei anarchista.

Parou um momento. Voltou-se um pouco mais para mim. Continuou, inclinando se mais um pouco.

— Fui sempre mais ou menos lucido. Senti-me revoltado. Quiz perceber a minha revolta. Tornei-me anarchista consciente e convicto — o anarchista consciente e convicto que hoje sou.

— E a theoria, que v. tem hoje, é a mesma que tinha nessa altura?

— A mesma. A theoria anarchista, a verdadeira theoria, é só uma. Tenho a que sempre tive, desde que me tornei anarchista. V. já vae ver... Ia eu dizendo que, como era lucido por natureza, me tornei anarchista consciente. Ora o que é um anarchista? E' um revoltado contra a injustiça de nascermos deseguaes socialmente — no fundo é só isto. E de ahi resulta, como é de ver, a revolta contra as convenções sociaes que tornam essa desigual-

COUTINHO
CABRAL

dade possível. O que lhe estou indicando agora é o caminho psychologico, isto é, como é que a gente se torna anarchista; já vamos á parte theorica do assumpto. Por agora, comprehenda v. bem qual seria a revolta de um typo intelligente nas minhas circumstancias. O que é que elle vê pelo mundo? Um nasce filho de um millionario, protegido desde o berço contra aquelles infortunios — e não são poucos — que o dinheiro pode evitar ou attenuar; outro nasce miseravel, a ser, quando creança, uma bocca a mais numa familia onde as boccas são de sobra para o comer que pode haver. Um nasce conde ou marquez, e tem por isso a consideração de toda a gente, faça elle o que fizer; outro nasce assim como eu, e tem que andar direitinho como um prumo para ser ao menos tratado como gente. Uns nascem em taes condições que podem estudar, viajar, instruir-se — tornar-se (pode-se dizer) mais intelligentes que outros que naturalmente o são mais. E assim por ahí adiante, e em tudo...

«As injustiças da Natureza, vá: não as podemos evitar. Agora as da sociedade e das suas convenções — essas, porque não evital-as? Aceito — não tenho mesmo outro remedio — que um homem seja superior a mim por o que a Natureza lhe deu — o talento, a força, a energia; não aceito que elle seja meu superior por qualidades postizas, com que não sahiu do ventre da mãe, mas que lhe aconteceram por bamburrio logo que elle appareceu cá fóra — a riqueza, a posição social, a vida facilitada, etc. Foi da revolta que lhe estou figurando por estas considerações que nasceu o meu anarchismo de então — o anarchismo que, já lhe disse, mantenho hoje sem alteração nenhuma.

Parou outra vez um momento, como a pensar como proseguiria. Fumou e soprou o fumo lentamente, para o lado opposto ao meu. Voltou-se, e ia a proseguir. Eu, porém, interrompi-o.

— Uma pergunta, por curiosidade... Porque é que v. se tornou propriamente anarchista? V. podia ter-se tornado socialista, ou qualquer outra cousa avançada que não fôsse tão longe. Tudo isso estava dentro da sua revolta... Deduzo do que v. disse que por anarchismo v. entende (e acho que está bem como definição do anarchismo) a revolta contra todas as convenções e formulas sociaes e o desejo e exforço para a abolição de todas...

CABRAL
COUTINHO

— Isso mesmo.

— Porque escolheu v. essa formula extrema e não se decidiu por qualquer das outras... das intermedias?...

— Eu lhe digo. Eu meditei tudo isso. E' claro que nos folhetos que eu lia via todas essas theorias. Escolhi a theoria anarchista — a theoria extrema, como v. muito bem diz — pelas razões que lhe vou dizer em duas palavras.

Fitou um momento cousa nenhuma. Depois voltou-se para mim.

— O mal verdadeiro, o unico mal, são as convenções e as ficções sociaes, que se sobrepõem ás realidades naturaes — tudo, desde a familia ao dinheiro, desde a religião ao estado. A gente nasce homem ou mulher — quero dizer, nasce para ser, em adulto, homem ou mulher; não nasce, em boa justiça natural, nem para ser marido, nem para ser rico ou pobre, como tambem não nasce para ser catholico ou protestante, ou portuguez ou inglez. E' todas estas coisas em virtude das ficções sociaes. Ora essas ficções sociaes são más porquê? Porque são ficções, porque não são naturaes. Tão mau é o dinheiro como o estado, a constituição da familia como as religiões. Se houvesse outras, que não fôsem estas, seriam igualmente más, porque tambem seriam ficções, porque tambem se sobreporiam e estorvariariam as realidades naturaes. Ora qualquer systema que não seja o puro systema anarchista, (que quer a abolição de todas as ficções e de cada uma d'ellas completamente), é uma ficção tambem. Empregar todo o nosso desejo, todo o nosso exforço, toda a nossa intelligencia para implantar, ou contribuir para implantar, uma ficção social em vez de outra, é um absurdo,

quando não seja mesmo um crime, porque é fazer uma perturbação social com o fim expresso de deixar tudo na mesma. Se achamos injustas as ficções sociaes, porque esmagam e opprímem o que é natural no homem, para que empregar o nosso exforço em substituir-lhes outras ficções, se o podemos empregar para as destruir a todas?

«Isto parece-me que é concludente. Mas supponhamos que o não é; supponhamos que nos objectam que isto tudo estará muito certo, mas que o sistema anarchista não é realizavel na prática. Vamos lá a examinar essa parte do problema.

«Porque é que o systema anarchista não seria realizavel? Nós partimos, todos os avançados, do principio, não só de que o actual systema é injusto, mas de que ha vantagem, porque ha justiça, em substituil-o por outro mais justo. Se não pensamos assim, não somos avançados, mas burguezes. Ora de onde vem este criterio de justiça? Do que é natural e verdadeiro, em opposição ás ficções sociaes e ás mentiras da convenção, Ora o que é natural é o que é inteiramente natural, não o que é metade, ou um-quarto, ou um-oitavo de natural. Muito bem. Ora, de duas coisas, uma: ou o natural é realizavel socialmente ou não é; em outras palavras, ou a sociedade pode ser natural, ou a sociedade é essencialmente ficção e não pode ser natural de maneira nenhuma. Se a sociedade pode ser natural, então pode haver a sociedade anarchista, ou livre, e deve haver, porque é ella a sociedade inteiramente natural. Se a sociedade não pode ser natural, se (por qualquer razão que não importa) tem por força que ser ficção, então do mal o menos; façamol-a, dentro d'essa ficção inevitavel, o mais natural possivel, para que seja, por isso mesmo, o mais justa possivel. Qual é a ficção mais natural? Nenhuma é natural em si, porque é ficção; a mais natural, neste nosso caso, será aquella que pareça mais natural, que se sinta como mais natural. Qual é a que parece mais natural, ou que sintamos mais natural? E' aquella a que estamos habituados. (V. comprehende: o que é natural é o que é do instincto; e o que, não sendo instincto, se parece em tudo com o instincto é o habito. Fumar não é natural, não é uma necessidade do instincto; mas, se nos habituámos a fumar, passa a ser-nos natural, passa a ser sentido como uma necessidade do instincto). Ora qual é a ficção social que constitue um habito nosso? E' o actual systema, o systema burguez. Temos pois, em boa logica, que ou achamos possivel a sociedade natural, e seremos defensores do anarchismo; ou não a julgamos possivel, e seremos defensores do regimen burguez. Não ha hypothese intermedia. Percebeu?...

— Sim, senhor; isso é concludente.

— Ainda não é bem concludente... Ainda ha um outra objecção, do mesmo genero, a liquidar... Pode concordar-se que o systema anarchista é realizavel, mas pode duvidar-se que elle seja realizavel *de chofre* — isto é, que se possa passar da sociedade burgueza para a sociedade livre sem haver um ou mais estados ou regimens intermedios. Quem fizer esta objecção acceita como boa, e como realizavel, a sociedade anarchista; mas palpita-lhe que tem que haver um estado qualquer de transição entre a sociedade burgueza e ella.

«Ora muito bem. Supponhamos que assim é. O que é esse estado intermedio? O nosso fim é a sociedade anarchista, ou livre; esse estado intermedio só pode ser, portanto, um estado de preparação da humanidade para a sociedade livre. Essa preparação ou é material, ou é simplesmente mental; isto é, ou é uma série de realizações materiaes ou sociaes que vão adaptando a humanidade á sociedade livre, ou é uma simples propaganda gradualmente crescente e influente, que a vae preparando *mentalmente* a desejal-a ou a accital-a.

«Vamos ao primeiro caso, a adaptação gradual e material da humanidade á sociedade livre. E' impossivel; é mais que impossivel: é absurdo. Não ha adaptação material senão a uma coisa que já ha. Nenhum de nós se pode adaptar materialmente ao meio social do seculo vinte e trez, mesmo que saiba o que elle será; e não se pode adaptar materialmente porque o seculo vinte e trez e o seu meio social não existem *materialmente* ainda. Assim, chegamos á conclusão que, na passagem da sociedade burgueza para a sociedade livre, a unica parte que pode haver de adaptação, de evolução ou de transição é *mental*, é a gra-

Para...
M...
...
dual adaptação dos espiritos á idéa da sociedade livre... Em todo o caso, no campo da adaptação material, ainda ha uma hypothese...

— Irra com tanta hypothese! ..

— O' filho, o homem lucido tem que examinar todas as objecções possíveis e de as refutar, antes de se poder dizer seguro da sua doutrina. E, de mais a mais, isto tudo é em resposta a uma pergunta que v. me fez...

— Está bem.

— No campo da adaptação material, dizia eu, ha em todo o caso uma outra hypothese. E' a da dictadura revolucionaria.

— Da dictadura revolucionaria como?

— Como eu lhe expliquei, não pode haver adaptação material a uma coisa que não existe, materialmente, ainda. Mas se, por um movimento brusco, se fizer a revolução social, fica implantada já, não a sociedade livre (porque para essa não pode a humanidade ter ainda preparação), mas uma dictadura d'aquelles que querem implantar a sociedade livre. Mas existe já, ainda que em esboço ou em começo, existe já *materialmente* qualquer coisa da sociedade livre. Ha já portanto uma coisa material, a que a humanidade se adapte. E' este o argumento com que as bestas que defendem a «dictadura do proletariado» a defenderiam se fossem capazes de argumentar ou de pensar. O argumento, é claro, não é d'elles: é meu. Ponho-o, como objecção, a mim-mesmo, E, como lhe vou mostrar... é falso.

«Um regimen revolucionario, emquanto existe, e seja qual fôr o fim a que visa ou a idéa que o conduz, é *materialmente* só uma coisa — um regimen revolucionario. Ora um regimen revolucionario quer dizer uma dictadura de guerra, ou, nas verdadeiras palavras, um regimen militar despotico, porque o estado de guerra é imposto á sociedade por uma parte d'ella — aquella parte que assumiu revolucionariamente o poder. O que é que resulta? Resulta que quem se adaptar a esse regimen, como a unica coisa que elle é *materialmente, immediatamente*, é um regimen militar despotico, adapta-se a um regimen militar despotico. A idéa, que conduziu os revolucionarios, o fim, a que visaram, desapareceu por completo da *realidade* social, que é occupada exclusivamente pelo phenomeno guerreiro. De modo que o que sahe de uma dictadura revolucionaria — e tanto mais completamente sahirá, quanto mais tempo essa dictadura durar — é uma sociedade guerreira de typo dictatorial, isto é, um despotismo militar. Nem mesmo podia ser outra coisa. E foi sempre assim. Eu não sei muita historia, mas o que sei acerta com isto; nem podia deixar de acertar. O que sahiu das agitações politicas de Roma? O imperio romano e o seu despotismo militar. O que sahiu da Revolução Franceza? Napoleão e o seu despotismo militar. E v. verá o que sahe da Revolução Russa... Qualquer coisa que vae atrazar dezenas de annos a realização da sociedade livre... Tambem o que era de esperar de um povo de analphabetos e de mysticos?...

«Emfim, isto já está fóra da conversa... V. percebeu o meu argumento?»

— Percebi perfeitamente.

— V. comprehende portanto que eu cheguei a esta conclusão: Fim: a sociedade anarchista, a sociedade livre; meio: a passagem, *sem transição*, da sociedade burgueza para a sociedade livre. Esta passagem seria preparada e tornada possível por uma propaganda intensa, completa, absorvente, de modo a predispor todos os espiritos e enfraquecer todas as resistencias. E' claro que por «propaganda» não entendo só a pela palavra escripta e fallada: entendo tudo, acção indirecta ou directa, quanto pode predispor para a sociedade livre e enfraquecer a resistencia á sua vinda. Assim, não tendo quasi resistencias nenhuma que vencer, a revolução social, quando viesse, seria rapida, facil, e não teria que estabelecer nenhuma dictadura revolucionaria, por não ter contra quem applical-a. Se isto não pode ser assim, é que o anarchismo é irrealizavel; e, se o anarchismo é irrealizavel, só é defensavel e justa, como já lhe provei, a sociedade burgueza.

«Ora ahí tem v. porquê e como eu me tornei anarchista, e porquê e como rejeitei, como falsas e anti-naturaes, as outras doutrinas sociaes de menor ousadia.»

CABRAL
COUTINHO

«E prompto... Vamos lá a continuar a minha historia.
Fez explodir um phosphoro, e accendeu lentamente o charuto. Concentrou-se, e de ahí a pouco proseguiu.

«— Havia varios outros rapazes com as mesmas opiniões que eu. A maioria era de operarios, mas havia um ou outro que o não era; o que todos eramos era pobres, e, que me lembre, não eramos muito estúpidos. A gente tinha uma certa vontade de se instruir, de saber coisas, e ao mesmo tempo uma vontade de propaganda, de espalhar as nossas idéas. Queríamos para nós e para os outros — para a humanidade inteira — uma sociedade nova, livre d'estes preconceitos todos, que fazem os homens deseguaes artificialmente e lhes impõem inferioridades, soffrimentos, estreitezas, que a Natureza lhes não tinha imposto. Por mim, o que eu lia confirmava-me nestas opiniões. Em livros libertarios baratos — os que havia ao tempo, e eram já bastantes — li quasi tudo. Fui a conferencias e comícios dos propagandistas do tempo. Cada livro e cada discurso me convenciam mais da certeza e da justiça das minhas idéas. O que eu pensava então — repito-lhe, meu amigo — é o que penso hoje; a unica differença é que então pensava-o só, e hoje penso-o e pratico-o.

COUTINHO
CABRAL

— Pois sim; isso, até onde vae, está muito bem. Está muito certo que V. se tornasse anarchista assim, e vejo perfeitamente que V. era anarchista. Não preciso mais provas d'isso. O que eu quero saber é como é que de ahí sahio o banqueiro..., como é que sahio de ahí sem contradicção... Isto é, mais ou menos já calculo...

— Não, não calcula nada... Eu sei o que V. quer dizer... V. baseia-se nos argumentos que me acaba de ouvir, e julga que eu achei o anarchismo irrealizavel e porisso, como lhe disse, só defensavel e justa a sociedade burgueza — não é?...

— Sim, calculei que fôsse mais ou menos isso...

— Mas como o podia ser, se desde o principio da conversa lhe tenho dito e repetido que *sou* anarchista, que não só o fui mas o continuo sendo? Se eu me tivesse tornado banqueiro e commerciante pela razão que V. julga, eu não era anarchista, era burguez.

— Sim, V. tem razão... Mas então como diabo...? Vá lá, vá dizendo...

— Como lhe disse, eu era (fui sempre) mais ou menos lucido, e tambem um homem de acção. Essas são qualidades naturaes; não m'as puzeram no berço (se é que eu tive berço), eu é que as levei para lá. Pois bem. Sendo anarchista, eu achava insupportavel ser anarchista só passivamente, só para ir ouvir discursos e fallar nisso com os amigos. Não: era preciso fazer qualquer coisa! Era preciso trabalhar e lutar pela causa dos opprimidos e das victimas das convenções sociaes! Decidi metter hombros a isso, conforme pudesse. Puz-me a pensar como é que eu poderia ser útil á causa libertaria. Puz-me a traçar o meu plano de acção.

«O que quer o anarchista? A liberdade — a liberdade para si e para os outros, para a humanidade inteira. Quer estar livre da influencia ou da pressão das ficções sociaes; quer ser livre tal qual nasceu e appareceu no mundo, que é como em justiça deve ser; e quer essa liberdade para si e para todos os mais. Nem todos podem ser eguaes perante a Natureza: uns nascem altos, outros baixos; uns fortes, outros fracos; uns mais intelligentes, outros menos... Mas todos podem ser eguaes de ahí em deante; só as ficções sociaes o evitam. Essas ficções sociaes é que era preciso destruir.

«Era preciso destruil-as... Mas não me escapou uma coisa: era preciso destruil-as *mas em proveito da liberdade*, e tendo sempre em vista a criação da sociedade livre. Porque isso de destruir as ficções sociaes tanto pode ser para crear liberdade, ou preparar o caminho da liberdade, como para estabelecer outras ficções sociaes differentes, egualmente más porque egualmente ficções. Aqui é que era preciso cuidado. Era preciso acertar com um processo de acção, qualquer que fôsse a sua violencia ou a sua não-violencia (porque contra as injustiças sociaes tudo era legitimo), pelo qual se contribuisse para destruir as ficções sociaes sem, ao mesmo tempo, estorvar a criação da liberdade futura; creando já mesmo, caso fôsse possivel, alguma coisa da liberdade futura.

«E' claro que esta liberdade, que deve haver cuidado em não estorvar, é a liberdade futura e, no presente, a liberdade dos opprimidos pelas ficções sociaes. Claro está que não temos que olhar a não estorvar a «liberdade» dos poderosos, dos bem-situados, de todos que representam as ficções sociaes e teem vantagem nellas. Essa não é liberdade; é a liberdade de tyrannizar, que é o contrario da liberdade. Essa, pelo contrario, é o que mais devíamos pensar em estorvar e em combater. Parece-me que isto está claro...

— Está clarissimo. Continue...

— Para quem quer o anarchista a liberdade? Para a humanidade inteira. Qual é a maneira de conseguir a liberdade para a humanidade inteira? Destruir por completo todas as ficções sociaes. Como se poderiam destruir por completo todas as ficções sociaes? Já lhe anticipei a explicação, quando, por causa da sua pergunta, discuti os outros systemas avançados e lhe expliquei como e porque era anarchista... V. lembra-se da minha conclusão?...

— Lembro...

— ... Uma revolução social subita, brusca, esmagadora, fazendo a sociedade passar, de um salto, do regimen burguez para a sociedade livre. Esta revolução social preparada por um trabalho intenso e contínuo, de acção directa e indirecta, tendente a dispôr todos os espiritos para a vinda da sociedade livre, e a enfraquecer até ao estado comatoso todas as resistencias da burguezia. Excuso de lhe repetir as razões que levam inevitavelmente a esta conclusão, a dentro do anarchismo; já lh'as expuz e V. já as percebeu.

— Sim.

— Essa revolução seria preferivelmente mundial, simultanea em todos os pontos, ou os pontos importantes, do mundo; ou, não sendo assim, partindo rapidamente de uns para outros, mas, em todo o caso, em cada ponto, isto é, em cada nação, fulminante e completa.

«Muito bem. O que poderia eu fazer para esse fim? Só por mim, não a poderia fazer a ella, á revolução mundial, nem mesmo poderia fazer a revolução completa na parte referente ao paiz onde estava. O que podia era trabalhar, na inteira medida do meu esforço, para fazer a preparação para essa revolução. Já lhe expliquei como: combatendo, por todos os meios accessiveis, as ficções sociaes; não estorvando nunca ao fazer esse combate ou a propaganda da sociedade livre, nem a liberdade futura, nem a liberdade presente dos opprimidos; creando já, sendo possível, qualquer coisa da futura liberdade.

Puxou fumo; fez uma leve pausa; recomeçou.

— Ora aqui, meu amigo, puz eu a minha lucidez em acção. Trabalhar para o futuro, está bem, pensei eu; trabalhar para os outros terem liberdade, está certo. Mas então eu? eu não sou ninguém? Se eu fôsse christão, trabalhava alegremente pelo futuro dos outros, porque lá tinha a minha recompensa no céu; mas tambem, se eu fôsse christão, não era anarchista, porque então as taes desigualdades sociaes não tinham importancia na nossa curta vida: eram só condições da nossa provação, e lá seriam compensadas na vida eterna. Mas eu não era christão, como não sou, e perguntava-me: mas por quem é que eu me vou sacrificar nisto tudo? Mais ainda: porque é que eu me vou sacrificar?

«Vieram-me momentos de descrença; e V. comprehende que era justificada... Sou materialista, pensava eu; não tenho mais vida que esta; para que hei-de ralar-me com propagandas e desigualdades sociaes, e outras historias, quando posso gosar e entreter-me muito mais se não me preocupar com isso? Quem tem só esta vida, quem não crê na vida eterna, quem não admite lei senão a Natureza, quem se oppõe ao estado porque elle não é natural, ao casamento porque elle não é natural, ao dinheiro porque elle não é natural, a todas as ficções sociaes porque ellas não são naturaes, porque carga d'agua é que defende o altruismo e o sacrificio pelos outros, ou pela humanidade, se o altruismo e o sacrificio tambem não são naturaes? Sim, a mesma logica que me mostra que um homem não nasce para ser casado, ou para ser portuguez, ou para ser rico ou pobre, mostra-me tambem que

CABRAL
COUTINHO

Tem o outro... mas he para...
20 jul, 1908

elle não nasce para ser *solidario*, que elle não nasce senão para ser elle-proprio, e portanto o contrario de altruista e solidario, e portanto exclusivamente egoista.

«Eu discuti a questão commigo mesmo. Repara tu, dizia eu para mim, que nascemos pertencentes á especie humana, e que temos o dever de ser solidarios com todos os homens. Mas a idéa de «dever» era natural? De onde é que vinha esta idéa de «dever»? Se esta idéa de dever me obrigava a sacrificar o meu bem-estar, a minha commodidade, o meu instincto de conservação e outros meus instinctos naturaes, em que divergia a acção d'essa idéa da acção de qualquer ficção social, que produz em nós exactamente o mesmo effeito?

«Esta idéa de dever, isto de solidariedade humana, só podia considerar-se natural se trouxesse consigo uma compensação egoista, porque então, embora em principio contrariasse o egoismo natural, se dava a esse egoismo uma compensação, sempre, no fim de contas, o não contrariava. Sacrificar um prazer, simplesmente sacrificar-o, não é natural; sacrificar um prazer a outro, é que já está dentro da Natureza: é, entre duas cousas naturaes que se não podem ter ambas, escolher uma, o que está bem. Ora que compensação egoista, ou natural, podia dar-me a dedicação á causa da sociedade livre e da futura felicidade humana? Só a consciencia do dever cumprido, do esforço para um fim bom; e nenhuma d'estas coisas é uma compensação egoista, nenhuma d'estas coisas é um prazer em si, mas um prazer, se o é, nascido de uma ficção, como pode ser o prazer de ser immensamente rico, ou o prazer de ter nascido em uma boa posição social.

COUTINHO
CABRAL

«Confesso-lhe, meu velho, que me vieram momentos de descrença... Senti-me desleal á minha doutrina, traidor a ella... Mas em breve passei sobre tudo isto. A idéa de justiça cá estava, dentro de mim, pensei eu. Eu sentia-a natural. Eu sentia que havia um dever superior á preocupação só cá do meu destino. E fui para deante na minha intenção.

— Não me parece que essa decisão revelasse uma grande lucidez da sua parte... V. não resolveu a difficuldade... V. foi para deante por um impulso absolutamente sentimental..

— Sem duvida. Mas o que lhe estou contando agora é a historia de como me tornei anarchista, e de como o continuei sendo, e continuo. Vou-lhe expondo lealmente as hesitações e as difficuldades que tive, e como as venci. Concorde que, naquelle momento, venci a difficuldade logica com o sentimento, e não com o raciocinio. Mas v. ha de ver que, mais tarde, quando cheguei á plena comprehensão da doutrina anarchista, esta difficuldade, até então logicamente sem resposta, teve a sua solução completa e absoluta.

— É curioso...

— É... Agora deixe-me continuar na minha historia. Tive esta difficuldade, e resolvia-a, se bem que mal, como lhe disse. Logo a seguir, e na linha dos meus pensamentos, surgiu-me outra difficuldade que tambem me atrapalhou bastante.

«Estava bem — vamos lá — que estivesse disposto a sacrificar-me, sem recompensa nenhuma propriamente pessoal, isto é, sem recompensa nenhuma verdadeiramente *natural*. Mas supponhamos que a sociedade futura não dava em nada do que eu esperava, que nunca havia a sociedade livre, a que diabo é que eu, nesse caso, me estava sacrificando? Sacrificar-me a uma idéa sem recompensa pessoal, sem eu ganhar nada com o meu esforço por essa idéa, vá; mas sacrificar-me sem ao menos ter a certeza de que aquillo, para que eu trabalhava, existiria um dia, *sem que a propria idéa ganhasse com o meu esforço* — isso era um pouco mais forte... Desde já lhe digo que resolvi a difficuldade pelo mesmo processo sentimental por que resolvi a outra; mas advirto o tambem que, do mesmo modo que a outra, resolvi esta pela logica, automaticamente, quando cheguei ao estado plenamente consciente do meu anarchismo... V. depois verá... Na altura do que lhe estou contando, sahi-me do apuro com uma ou duas phrases ôcas. «Eu fazia o meu dever para com o futuro; o futuro que fizesse o seu para commigo»... Isto, ou cousa que o valha...

«Expuz esta conclusão, ou, antes, estas conclusões, aos meus camaradas, e elles concordaram todos commigo; concordaram todos que era preciso ir prá frente e fazer tudo pela

sociedade livre. E' verdade que um ou outro, dos mais intelligentes, ficaram um pouco abalados com a exposiçãõ, não porque não concordassem, mas porque nunca tinham visto as coisas assim claras, nem os bicos que estas coisas teem... Mas enfim, concordaram todos... Iriamos todos trabalhar pela grande revolução social, pela sociedade livre, quer o futuro nos justificasse, quer não! Formámos um grupo, entre gente certa, e começámos uma grande propaganda — grande, é claro, dentro dos limites do que podíamos fazer. Durante bastante tempo, no meio de difficuldades, embrulhadas, e por vezes perseguições, lá fomos trabalhando pelo ideal anarchista.

O banqueiro, chegado aqui, fez uma pausa um pouco mais longa. Não accendeu o charuto, que estava outra vez apagado. De repente teve um leve sorriso, e, com o ar de quem chega ao ponto importante, fitou-me com mais insistencia e proseguiu, clarificando mais a voz e accentuando mais as palavras.

— Nesta altura, disse elle, appareceu uma coisa nova. «Nesta altura» é modo de dizer. Quero dizer que, depois de alguns mezes d'esta propaganda, comecei a reparar numa nova complicação, e esta é que era a mais séria de todas, esta é que era séria a valer...

«V. recorda-se, não é verdade? d'aquillo em que eu, por um raciocínio rigoroso, assentei que devia ser o processo de acção dos anarchistas... Um processo, ou processos, quaesquer pelo qual se contribuisse para destruir as ficções sociaes sem, ao mesmo tempo, estorvar a creação da liberdade futura, sem, portanto, estorvar em coisa nenhuma a pouca liberdade dos actuaes opprimidos pelas ficções sociaes; um processo que, sendo possível, creasse já alguma coisa da liberdade futura...

«Pois bem: uma vez assente este criterio, nunca mais deixei de o ter presente... Ora, na altura da nossa propaganda em que lhe estou fallando, descobri uma coisa. No grupo de propaganda — não eramos muitos; eramos uns quarenta, salvo erro — dava-se este caso: *creava-se tyrannia*.

— Creava-se tyrannia?... Creava-se tyrannia como?

— Da seguinte maneira... Uns mandavam em outros e levavam-os para onde queriam; uns impunham-se a outros e obrigavam-os a ser o que elles queriam; uns arrastavam outros por manhas e por artes para onde elles queriam. Não digo que fizessem isto em coisas graves; mesmo, não havia coisas graves allí em que o fizessem. Mas o facto é que isto acontecia sempre e todos os días, e dava-se não só em assumptos relacionados com a propaganda, como fóra d'elles, em assumptos vulgares da vida. Uns iam insensivelmente para chefes, outros insensivelmente para subordinados. Uns eram chefes por imposição; outros eram chefes por manha. No facto mais simples isto se via. Por exemplo: dois dos rapazes iam juntos por uma rua fóra; chegavam ao fim da rua, e um tinha que ir para a direita e outro para a esquerda; cada um tinha conveniencia em ir para o seu lado. Mas o que ia para a esquerda dizia para o outro, «venha v. commigo por aqui»; o outro respondia, e era verdade, «Homem, não posso; tenho que ir por allí» por esta ou aquella razão... Mas afinal, contra sua vontade e sua conveniencia, lá ia com o outro para a esquerda... Isto era uma vez por persuasão, outra vez por simples insistencia, uma terceira vez por um outro motivo qualquer assim... Isto é, nunca era por uma razão logica; havia sempre nesta imposição e nesta subordinação qualquer coisa de espontaneo, de como que instinctivo... E como neste caso simples, em todos os outros casos; desde os menos até aos mais importantes... V. vê bem o caso?

— Vejo. Mas que diabo ha de extranho nisso? Isso é tudo quanto ha de mais natural!...

— Será. Já vamos a isso. O que lhe peço que note é que é *exactamente o contrario da doutrina anarchista*. Repare bem que isto se passava num grupo pequeno, num grupo sem influencia nem importancia, num grupo a quem não estava confiada a solução de nenhuma questão grave ou a decisão sobre qualquer assumpto de vulto. E repare que se passava num

CABRAL
COUTINHO

grupo de gente que se unira especialmente para fazer o que pudesse para o fim anarchista — isto é, para combater, tanto quanto possível, as ficções sociaes, e crear, tanto quanto possível, a liberdade futura. V. reparou bem nestes dois pontos?

— Reparei.

— Veja agora bem o que isso representa... Um grupo pequeno, de gente sincera (garanto-lhe que era sincera!), estabelecido e unido expressamente para trabalhar pela causa da liberdade, tinha, no fim de uns mezes, conseguido só uma coisa de positivo e concreto — a *creação entre si de tyrannia*. E repare que tyrannia... Não era uma tyrannia derivada da acção das ficções sociaes, que, embora lamentavel, seria desculpavel, até certo ponto, ainda que menos em nós, que combatiamos essas ficções, que em outras pessoas; mas emfim, viviamos em meio de uma sociedade baseada nessas ficções e não era inteiramente culpa nossa se não pudessemos de todo fugir á sua acção. Mas não era isso. Os que mandavam nos outros, ou os levavam para onde queriam, não faziam isso pela força do dinheiro, ou da posição social, ou de qualquer authoridade de natureza ficticia, que se arrogassem; faziam-o por uma acção de qualquer especie fóra das ficções sociaes. Quer dizer, esta tyrannia era, relativamente ás ficções sociaes, *uma tyrannia nova*. E era uma tyrannia exercida sobre gente essencialmente opprimida já pelas ficções sociaes. Era, ainda por cima, tyrannia exercida entre si por gente cujo intuito sincero não era senão destruir tyrannia e crear liberdade.

COUTINHO
CABRAL

«Agora ponha o caso num grupo muito maior, muito mais influente, tratando já de questões importantes e de decisões de character fundamental. Ponha esse grupo a encaminhar os seus esforços, como o nosso, para a formação de uma sociedade livre. E agora diga-me se atravez d'esse carregamento de tyrannias entrecruzadas v. entrevé qualquer sociedade futura que se pareça com uma sociedade livre ou com uma humanidade digna de si propria...

— Sim: isso é muito curioso...

— E' curioso, não é? .. E olhe que ha pontos secundarios tambem muito curiosos... Por exemplo: a tyrannia do auxilio...

— A quê?

— A tyrannia do auxilio. Havia entre nós quem, em vez de mandar nos outros, em vez de se impôr aos outros, pelo contrario os auxiliava em tudo quanto podia. Parece o contrario, não é verdade? Pois olhe que é o mesmo. E' a mesma tyrannia nova. E' do mesmo modo ir contra os principios anarchistas.

— Essa é boa! Em quê?

— Auxiliar alguem, meu amigo, é tomar alguem por incapaz; se esse alguem não é incapaz, é ou fazel o tal, ou suppol-o tal, e isto é, no primeiro caso uma tyrannia, e no segundo um desprezo. Num caso cerceia-se a liberdade de outrem; no outro caso parte-se, pelo menos inconscientemente, do principio de que outrem é desprezivel e indigno ou incapaz de liberdade.

«Voltemos ao nosso caso... V. vê bem que este ponto era gravissimo. Vá que trabalhassemos pela sociedade futura sem esperarmos que ella nos agradecesse, ou arriscando-nos, mesmo, a que ella nunca viesse. Tudo isso, vá. Mas o que era de mais era estarmos trabalhando para um futuro de liberdade e não fazermos, de positivo, mais que crear tyrannia, e não só tyrannia, mas tyrannia nova, e tyrannia exercida por nós, os opprimidos, uns sobre os outros. Ora isto é que não podia ser...

«Puz-me a pensar. Aqui havia um erro, um desvio qualquer. Os nossos intuitos eram bons; as nossas doutrinas pareciam certas; seriam errados os nossos processos? Com certeza que deveriam ser. Mas onde diabo estava o erro? Puz-me a pensar nisso e ia dando em doido. Um dia, de repente, como acontece sempre nestas coisas, dei com a solução. Foi o grande dia das minhas theorias anarchistas; o dia em que descobri, por assim dizer, a technica do anarchismo.

Olhou-me um momento sem me olhar. Depois continuou, no mesmo tom.

— Pensei assim... Temos aqui uma tyrannia nova, uma tyrannia que não é derivada das ficções sociaes. Então de onde é ella derivada? Será derivada das qualidades naturaes? Se é, adeus sociedade livre! Se uma sociedade onde estão em operação apenas as qualidades naturaes dos homens — aquellas qualidades com que elles nascem, que devem só á Natureza, e sobre as quaes não temos poder nenhum —, se uma sociedade onde estão em operação apenas essas qualidades é um amontoado de tyrannias, quem é que vae mexer o dedo mínimo para contribuir para a vinda d'essa sociedade? Tyrannia por tyrannia, fique a que está, que ao menos é aquella a que estamos habituados, e que porisso fatalmente sentimos menos que sentiríamos uma tyrannia nova, e com o character terrível de todas as coisas tyrannicas que são directamente da Natureza — o não haver revolta possível contra ella, como não ha revolução contra ter que morrer, ou contra nascer baixo quando se preferia ter nascido alto. Mesmo, eu já lhe provei que, se por qualquer razão não é realizavel a sociedade anarchista, então deve existir, por ser mais natural que qualquer outra salvo aquella, a sociedade burgueza.

«Mas seria esta tyrannia, que nascia assim entre nós, realmente derivada das qualidades naturaes? Ora o que são as qualidades naturaes? São o grau de intelligencia, de imaginação, de vontade, etc., com que cada um nasce — isto no campo mental, é claro, porque as qualidades naturaes physicas não veem para o caso. Ora um typo que, sem ser por uma razão derivada das ficções sociaes, manda noutro, por força que o faz por lhe ser superior em uma ou outra das qualidades naturaes. Domina-o pelo emprego das suas qualidades naturaes. Mas ha uma coisa a ver: esse emprego das qualidades naturaes será legitimo, isto é, será natural?»

«Ora qual é o emprego natural das nossas qualidades naturaes? O servir os fins naturaes da nossa personalidade. Ora dominar alguém será um fim natural da nossa personalidade? Pode sel-o; ha um caso em que pode sel-o: é quando esse alguém está para nós num logar de inimigo. Para o anarchista, é claro, quem está num logar de inimigo, é qualquer representante das ficções sociaes e da sua tyrannia; mais ninguem, porque todos os outros homens são homens como elle e camaradas naturaes. Ora, v. bem vê, o caso da tyrannia que tinhamos estado creando entre nós não era este; a tyrannia, que tinhamos estado creando, era exercida sobre homens como nós, camaradas naturaes, e, mais ainda, sobre homens duas vezes nossos camaradas, porque o eram tambem pela communhão no mesmo ideal. Conclusão: esta nossa tyrannia, se não era derivada das ficções sociaes, tambem não era derivada das qualidades naturaes; era derivada d'uma applicação errada, d'uma perversão, das qualidades naturaes. E essa perversão, de onde é que provinha?»

«Tinha que provir de uma de duas cousas: ou de o homem ser naturalmente mau, e portanto todas as qualidades naturaes serem naturalmente pervertidas; ou de uma perversão resultante da longa permanencia da humanidade numa atmospheria de ficções sociaes, todas ellas creadoras de tyrannia, e tendente, portanto, a tornar já instinctivamente tyrannico o uso mais natural das qualidades mais naturaes. Ora, d'estas duas hypotheses, qual é que seria a verdadeira? De um modo satisfactorio — isto é, rigorosamente logico ou scientifico — era impossivel determinar. O raciocinio não pode entrar com o problema, porque elle é de ordem historica, ou scientifica, e depende do conhecimento de factos. Por seu lado, a sciencia tambem nos não ajuda, porque, por mais longe que recuemos na historia, encontramos sempre o homem vivendo sob um ou outro systema de tyrannia social, e portanto sempre num estado que nos não permite averiguar como é o homem quando vive em circumstancias pura-e inteiramente naturaes. Não havendo maneira de determinar ao certo, temos que pender para o lado da maior probabilidade; e a maior probabilidade está na segunda hypothese. É mais natural suppôr que a longuissima permanencia da humanidade em ficções sociaes creadoras de tyrannia faça cada homem nascer já com as suas qualidades naturaes pervertidas no sentido de tyrannizar espontaneamente, mesmo em quem não pretenda tyrannizar, do que suppôr que qualidades naturaes podem ser naturalmente pervertidas, o

CABRAL
COUTINHO

que, de certo modo, representa uma contradicção. Porisso o pensador decide-se, como eu me decidi, com uma quasi absoluta segurança, pela segunda hypothese.

«Temos, pois, que uma coisa é evidente... No estado social presente não é possível um grupo de homens, por bem intencionados que estejam todos, por preocupados que estejam todos só em combater as ficções sociaes e em trabalhar pela liberdade, trabalharem juntos sem que espontaneamente criem entre si tyrannia, sem crear entre si uma tyrannia nova, complementar á das ficções sociaes, sem destruir na prática tudo quanto querem na theoria, sem involuntariamente estorvar o mais possível o proprio intuito que querem promover. O que ha a fazer? E' muito simples... E' trabalharmos todos para o mesmo fim, *mas separados*.

— Separados?!

— Sim. V. não seguiu o meu argumento?

— Seguí.

— E não acha logica, não acha fatal esta conclusão?

— Acho, sim, acho... O que não vejo bem é como isso...

— Já vou esclarecer... Disse eu: trabalharmos todos para o mesmo fim, *mas separados*. Trabalhando todos para o mesmo fim anarchista, cada um contribue com o seu esforço para a destruição das ficções sociaes, que é para onde o dirige, e para a criação da sociedade livre do futuro; e trabalhando separados não podemos, *de modo nenhum*, crear tyrannia nova, porque nenhum tem acção sobre outro, e não pode portanto, nem, domi-
mando-o, diminuir-lhe a liberdade, nem, auxiliando-o, apagar-lh'a.

COUTINHO
CABRAL

«Trabalhando assim separados e para o mesmo fim anarchista, temos as duas vantagens — a do esforço conjuncto, e a da não-creação de tyrannia nova. Continuamos unidos, porque o estamos moralmente e trabalhamos do mesmo modo para o mesmo fim; continuamos anarchistas, porque cada um trabalha para a sociedade livre; mas deixamos de ser traidores, voluntarios ou involuntarios, á nossa causa, deixamos mesmo de poder sel-o, porque nos collocamos, pelo trabalho anarchista isolado, fóra da influencia deleteria das ficções sociaes, no seu reflexo hereditario sobre as qualidades que a Natureza deu.

«E' claro que toda esta tactica se applica ao que eu chamei o *periodo de preparação* para a revolução social. Arruinadas as defezas burguezas, e reduzida a sociedade inteira ao estado de acceitação das doutrinas anarchistas, faltando só fazer a revolução social, então, para o golpe final, é que não pode continuar a acção separada. Mas, nessa altura, já a sociedade livre estará virtualmente chegada; já as coisas serão de outra maneira. A tactica a que me refiro só diz respeito á acção anarchista em meio da sociedade burgueza, como agora, como no grupo a que eu pertencia.

«Era esse — até que emfim! — o verdadeiro processo anarchista. Juntos, nada valíamos, que importasse, e, ainda por cima, nos tyrannizavamos, e nos estorvavamos uns aos outros e ás nossas theorias. Separados, pouco tambem conseguiríamos, mas ao menos não estorvavamos a liberdade, não creavamos tyrannia nova; o que conseguíamos, pouco que fôsse, era realmente conseguido, sem desvantagem nem perda. E, de mais a mais, trabalhando assim separados, aprendíamos a confiar mais em nós-mesmos, a não nos encostarmos uns aos outros, a tornarmo-nos mais livres já, a prepararmo-nos, tanto pessoalmente, como aos outros pelo nosso exemplo, para o futuro.

«Fiquei radiante com esta descoberta. Fui logo expol-a aos meus camaradas... Foi uma das poucas vezes em que fui estúpido na minha vida. Imagine v. que eu estava tão cheio da minha descoberta que esperava que elles concordassem!...

— Não concordaram, é claro...

— Repontaram, meu amigo, repontaram todos! Uns mais, outros menos, tudo protestou!... Não era isso!... Isso não podia ser!... Mas ninguem dizia o que era ou o que é que havia de ser. Argumentei e argumentei, e, em resposta aos meus argumentos, não obtive senão phrases, lixo, coisas como essas que os ministros respondem nas camaras

quando não teem resposta nenhuma... Então é que eu vi com que bestas e com que cobardões estava metido! Desmascararam-se. Aquella corja tinha nascido para escravos. Queriam ser anarchistas á custa alheia. Queriam a liberdade, logo que fôsem os outros que lh'a arranjassem, logo que lhes fôsse dada como um rei dá um titulo! Quasi todos elles são assim, os grandes lacaios!

— E V., escamou-se?

— Se me escamei! Enfureci-me! Puz-me aos coices. Dei por paus e por pedras. Quasi que me peguei com dois ou trez d'elles. E acabei por me vir embora. Isolei-me. Veiu-me um nojo áquella carneirada toda, que V. não imagina! Quasi que descri do anarchismo. Quasi que decidi não me importar mais com tudo aquillo. Mas, passados uns dias, voltei a mim. Pensei que o ideal anarchista estava acima d'estas quesílias. Elles não queriam ser anarchistas? Sel-o-hia eu. Elles queriam só brincar aos libertarios? Não estava eu para brincar num caso d'esses. Elles não tinham força para combater senão encostados uns aos outros, e creando, entre si, um simulacro novo da tyrannia que diziam querer combater? Pois que o fizessem, os parvos, se não serviam para mais. Eu é que não ia ser burguez por tão pouco.

« Estava estabelecido que, no verdadeiro anarchismo, cada um tem que, por suas proprias forças, crear liberdade e combater as ficções sociaes. Pois por minhas proprias forças eu ia crear liberdade e combater as ficções sociaes. Ninguém queria seguir-me no verdadeiro caminho anarchista? Seguiria eu por elle. Iria eu só, com os meus recursos, com a minha fé, desacompanhado até do apoio mental dos que tinham sido meus camaradas, contra as ficções sociaes inteiras. Não digo que fôsse um bello gesto, nem um gesto heroico. Foi simplesmente um gesto natural. Se o caminho tinha que ser seguido por cada um separadamente, eu não precisava de mais ninguém para o seguir. Bastava o meu ideal. Foi baseado nestes principios e nestas circumstancias que decidi, por mim só, combater as ficções sociaes.

Suspendeu um pouco o discurso, que se lhe tornára quente e fluído. Retomou o de allí a pouco, com a voz já mais socegada.

— E' um estado de guerra, pensei eu, entre mim e as ficções sociaes. Muito bem. O que posso eu fazer contra as ficções sociaes? Trabalho sózinho, para não poder, de modo nenhum, crear qualquer tyrannia. Como posso eu collaborar sózinho na preparação da revolução social, na preparação da humanidade para a sociedade livre? Tenho que escolher um de dois processos, dos dois processos que ha; caso, é claro, não possa servir-me de ambos. Os dois processos são a acção indirecta, isto é, a propaganda, e a acção directa, de qualquer especie.

« Pensei primeiro na acção indirecta, isto é, na propaganda. Que propaganda poderia eu fazer só por mim? A' parte esta propaganda que sempre se vae fazendo em conversa, com este ou aquelle, ao acaso e servindo-nos de todas as oportunidades, o que eu queria saber era se a acção indirecta era um caminho por onde eu pudesse encaminhar a minha actividade de anarchista energicamente, isto é, de modo a produzir resultados sensiveis. Vi logo que não podia ser. Não sou orador e não sou escriptor. Quero dizer: sou capaz de falar em publico, se fôr preciso, e sou capaz de escrever um artigo de jornal; mas o que eu queria averiguar era se o meu feitio natural indicava que, especializando-me na acção indirecta, de qualquer das duas especies ou em ambas, eu poderia obter resultados *mais positivos* para a idéa anarchista que especializando os meus esforços em qualquer outro sentido. Ora a acção é sempre mais proveitosa que a propaganda, excepto para os individuos cujo feitio os indica essencialmente como propagandistas — os grandes oradores, capazes de electrizar multidões e arrastal-as atraz de si, ou os grandes escriptores, capazes de fascinar e convencer com os seus livros. Não me parece que eu seja muito vaidoso, mas, se o sou, não me dá, pelo menos, para me envaidecer d'aquellas qualidades que não tenho. E, como lhe disse, nunca me deu p'ra me julgar orador ou escriptor. Porisso abandonei a idéa da acção indirecta como caminho a dar á minha actividade de anarchista. Por exclusão de partes, era

CABRAL
COUTINHO

forçado a escolher a acção directa, isto é, o esforço applicado á prática da vida, á vida real. Não era a intelligencia, mas a acção. Muito bem. Assim seria.

«Tinha eu pois que applicar á vida práctica o processo fundamental de acção anarchista que eu já tinha esclarecido — combater as ficções sociaes sem crear tyrannia nova, creando já, caso fôsse possível, qualquer coisa da liberdade futura. Ora como diabo se faz isso na práctica?

«Ora o que é combater na práctica? Combater na práctica é a guerra, é uma guerra, pelo menos. Como é que se faz guerra ás ficções sociaes? Antes de mais nada, como é que se faz guerra? Como é que se vence o inimigo em qualquer guerra? De uma de duas maneiras: ou matando-o, isto é, destruindo-o; ou aprisionando-o, isto é, subjugando-o, reduzindo-o á inactividade. *Destruir* as ficções sociaes não podia eu fazer; *destruir* as ficções sociaes só o podia fazer a revolução social. Até allí, as ficções sociaes podiam estar abaladas, cambaleando, por um fio; mas *destruidas*, só o estariam com a vinda da sociedade livre e a queda positiva da sociedade burguezia. O mais que eu poderia fazer nesse sentido era destruir — destruir no sentido physico de matar — um ou outro membro das classes representativas da sociedade burguezia. Estudei o caso, e vi que era asneira. Supponha V. que eu matava um ou dois, ou uma duzia de representantes da tyrannia das ficções sociaes. . . O resultado? As ficções sociaes ficavam mais abaladas? Não ficavam. As ficções sociaes não são como uma situação politica que pode depender de um pequeno numero de homens, de um só homem por vezes. O que ha de mau nas ficções sociaes são ellas, no seu conjuncto, e não os individuos que as representam senão por serem representantes d'ellas. Depois, um attentado de ordem social produz sempre uma reacção; não só tudo fica na mesma, mas, as mais das vezes, peora. E, ainda por cima, supponha, como é natural, que, depois de um attentado, eu era caçado; era caçado e liquidado, de uma maneira ou outra. E supponha que eu tinha dado cabo de uma duzia de capitalistas. Em que vinha isso tudo dar, em resumo? Com a minha liquidação, ainda que não por morte, mas por simples prisão ou degredo, a causa anarchista perdia um elemento de combate; e os doze capitalistas, que eu teria estendido, não eram doze elementos que a sociedade burguezia tinha perdido, porque os elementos componentes da sociedade burguezia não são elementos de combate, mas elementos puramente passivos, pois que o «combate» está, não nos membros da sociedade burguezia, mas no conjuncto de ficções sociaes, em que essa sociedade assenta. Ora as ficções sociaes não são gente, em quem se possa dar tiros. . . V. comprehende bem? Não era como o soldado de um exercito que mata doze soldados de um exercito contrario; era como um soldado que mata doze civis da nação do outro exercito. E' matar estupidamente, porque não se elimina combatente nenhum. . . Eu não podia portanto pensar em *destruir*, nem no todo nem em nenhuma parte, as ficções sociaes. Tinha então que subjugal-as, que vencel-as subjugando-as, reduzindo-as á inactividade.

Apontou para mim o indicador direito súbito.

— Foi o que eu fiz!

Retirou logo o gesto, e continuou.

— Procurei ver qual era a primeira, a mais importante, das ficções sociaes. Seria a essa que me cumpria, mais que a nenhuma outra, tentar subjugar, tentar reduzir á inactividade. A mais importante, da nossa epocha pelo menos, é o dinheiro. Como subjugar o dinheiro, ou, em palavras mais precisas, a força, ou a tyrannia do dinheiro? Tornando-me livre da sua influencia, da sua força, superior portanto á sua influencia, reduzindo-o á inactividade pelo que me dizia respeito a mim. Pelo que me dizia respeito a mim, comprehende V.?, porque eu é que o combatia; se fosse reduzi-lo á inactividade pelo que respeita o toda a gente, isso não seria já subjugal-o, mas *destruí-lo*, porque seria acabar de todo com a ficção dinheiro. Ora eu já lhe provei que qualquer ficção social só pode ser «destruída» pela revolução social, arrastada com as outras na queda da sociedade burguezia.

«Como podia eu tornar-me superior á força do dinheiro? O processo mais simples era

afastar-me da esphera da sua influencia, isto é, da civilização; ir para um campo comer raizes e beber agua das nascentes; andar nu e viver como um animal. Mas isto, mesmo que não houvesse difficuldade em fazel-o, não era combater uma ficção social; não era mesmo combater: era fugir. Realmente, quem se esquiva a travar um combate não é derrotado nele. Mas moralmente é derrotado, porque não se bateu. O processo tinha que ser outro — um processo de combate e não de fuga. Como subjugar o dinheiro, combatendo o? Como furtar-me á sua influencia e tyrannia, não evitando o seu encontro? O processo era só um — *adquiril-o*, adquiril-o em quantidade bastante para lhe não sentir a influencia; e em quanto mais quantidade o adquirisse, tanto mais livre eu estaria d'essa influencia. Foi quando vi isto claramente, com toda a força da minha convicção de anarchista, e toda a minha logica de homem lucido, que entrei na phase actual — a commercial e bancaria, meu amigo — do meu anarchismo.

Descansou um momento da violencia, novamente crescente, do seu enthusiasmo pela sua exposição. Depois continuou, ainda com um certo calor, a sua narrativa.

— Ora V. lembra-se d'aquellas duas difficuldades logicas que eu lhe disse que me haviam surgido no principio da minha carreira de anarchista consciente?... E V. lembra-se de eu lhe dizer que naquella altura as resolvi artificialmente, pelo sentimento e não pela logica? Isto é, V. mesmo notou, e muito bem, que eu não as tinha resolvido pela logica...

— Lembro-me, sim...

— E V. lembra-se de eu lhe dizer que mais tarde, quando acertei por fim com o verdadeiro processo anarchista, as resolvi então de vez, isto é, pela logica?

— Sim.

— Ora veja como ficaram resolvidas... As difficuldades eram estas: não é natural trabalhar por qualquer coisa, seja o que fôr, sem uma compensação natural, isto é, egoista; e não é natural dar o nosso exforço a qualquer fim sem ter a compensação de saber que esse fim se attinge. As duas difficuldades eram estas; ora repare como ficam resolvidas pelo processo de trabalho anarchista que o meu raciocinio me levou a descobrir como sendo o unico verdadeiro... O processo dá em resultado eu enriquecer; portanto, compensação egoista. O processo visa ao conseguimento da liberdade; ora eu, tornando-me superior á força do dinheiro, isto é, libertando-me d'ella, consigo liberdade. Consigo liberdade só para mim, é certo; mas é que, como já lhe provei, a liberdade para todos só pode vir com a destruição das ficções sociaes. pela revolução social, e eu, só por mim, não posso fazer a revolução social. O ponto concreto é este: visto liberdade, consigo liberdade: consigo a liberdade que posso, porque, é claro, não posso conseguir a que não posso... E veja V.: à parte o raciocinio que determina este processo anarchista como o unico verdadeiro, o facto que elle resolve automaticamente as difficuldades logicas, que se podem oppôr a qualquer processo anarchista, mais prova que elle é o verdadeiro.

CABRAL
COUTINHO

«Pois foi este o processo que eu segui. Metti hombros á empreza de subjugar a ficção dinheiro, enriquecendo. Consegui. Levou um certo tempo, porque a lucta foi grande, mas consegui. Excuso de lhe contar o que foi e o que tem sido a minha vida commercial e bancaria. Podia ser interessante, em certos pontos sobretudo, mas já não pertence ao assumpto. Trabalhei, luctei, ganhei dinheiro; trabalhei mais, luctei mais, ganhei mais dinheiro; ganhei muito dinheiro porfim. Não olhei a processos — confesso-lhe, meu amigo, que não olhei a processos; empreguei tudo quanto ha — o açambarcamento, o sophisma financeiro, a propria concorrência desleal. O quê?! Eu combatia as ficções sociaes, immoraes e anti-naturaes por excellencia, e havia de olhar a processos?! Eu trabalhava pela liberdade, e havia de olhar ás armas com que combatia a tyrannia?! O anarchista estúpido, que atira bombas e dá tiros, bem sabe que mata, e bem sabe que as suas doutrinas não incluem a pena de morte. Ataca uma immoralidade com um crime, porque acha que essa immoralidade vale um crime para se destruir. Elle é estúpido quanto ao processo, porque, como já lhe mos-

trei, esse processo é errado e contraproducente como processo anarchista; agora quanto á moral do processo elle é intelligente. Ora o meu processo estava certo, e eu servia-me legitimamente, como anarchista, de todos os meios para enriquecer. Hoje realizei o meu limitado sonho de anarchista práctico e lucido. Sou livre. Faço o que quero, dentro, é claro, do que é possível fazer. O meu lemma de anarchista era a liberdade; pois bem, tenho a liberdade, a liberdade que, por emquanto, na nossa sociedade imperfeita, é possível ter. Quíz combater as forças sociaes; combati-as, e, o que é mais, venci-as.

— Alto lá! alto lá! disse eu. Isso estará tudo muito bem, mas ha uma cousa que v. não viu. As condições do seu processo eram, como v. provou, não só crear liberdade, mas também não crear tyrannia. Ora v. creou tyrannia. V. como açambarcador, como banqueiro, como financeiro sem escrupulos — v. desculpe, mas v. é que o disse, — v. creou tyrannia. V. creou tanta tyrannia como qualquer outro representante das ficções sociaes, que v. diz que combate.

COUTINHO
CABRAL

— Não, meu velho, v. engana-se. Eu não creei tyrannia. A tyrannia, que pode ter resultado da minha acção de combate contra as ficções sociaes, é uma tyrannia que não parte de mim, que portanto eu não creei; está nas ficções sociaes, eu não a juntei a ellas. Essa tyrannia é a propria tyrannia das ficções sociaes; e eu não podia, nem me propuz, destruir as ficções sociaes. Pela centesima vez lhe repito: só a revolução social pode destruir as ficções sociaes; antes d'isso, a acção anarchista perfeita, como a minha, só pode subjugar as ficções sociaes, subjugal-as em relação só ao anarchista que põe esse processo em práctica, porque esse processo não permite uma mais larga sujeição d'essas ficções. Não é de não crear tyrannia que se trata: é de não crear tyrannia nova, tyrannia onde não estava. Os anarchistas, trabalhando em conjuncto, influenciando se uns aos outros como eu lhe disse, criam entre si, fóra e á parte das ficções sociaes, uma tyrannia; essa é que é uma tyrannia nova. Essa, eu não a creei. Não a podia mesmo crear, pelas proprias condições do meu processo. Não, meu amigo; eu só creei liberdade. Libertei um. Libertei-me a mim. E' que o meu processo, que é, como lhe provei, o unico verdadeiro processo anarchista, me não permittiu libertar mais. O que pude libertar, libertei.

— Está bem... Concorde... Mas olhe que, por esse argumento, a gente quasi que é levada a crer que nenhum representante das ficções sociaes exerce tyrannia...

— E não exerce. A tyrannia é das ficções sociaes e não dos homens que as incarnam; esses são, por assim dizer, os meios de que as ficções se servem para tyrannizar, como a faca é o meio de que se pode servir o assassino. E v. decerto não julga que abolindo as facas abole os assassinos... Olhe... Destrua v. todos os capitalistas do mundo, mas sem destruir o capital... No dia seguinte o capital, já nas mãos de outros, continuará, por meio d'esses, a sua tyrannia. Destrua, não os capitalistas, mas o capital; quantos capitalistas ficam?... Vê?...

— Sim; v. tem razão.

— O' filho, o' maximo, o maximo, o maximo que v. me pode accusar de fazer é de augmentar um pouco, — muito, muito pouco — a tyrannia das ficções sociaes. O argumento é absurdo, porque como já lhe disse, a tyrannia que eu não devia crear, e não creei, é outra. Mas tem mais um ponto fraco: é que, pelo mesmo raciocinio, v. pode accusar um general, que trava combate pelo seu paiz, de causar ao seu paiz o prejuizo do numero de homens do seu proprio exercito que teve de sacrificar para vencer. Quem vae á guerra, dá e leva. Consiga-se o principal; o resto...

— Está muito bem... Mas olhe lá outra cousa... O verdadeiro anarchista quer a liberdade não só para si, mas também para os outros... Parece-me que quer a liberdade para a humanidade inteira...

— Sem duvida. Mas eu já lhe disse que, pelo processo que descobri que era o unico processo anarchista, cada um tem de libertar-se a si-proprio. Eu libertei-me a mim; fiz o meu dever simultaneamente para commigo e para com a liberdade. Porque é que os outros,

os meus camaradas, não fizeram o mesmo? Eu não os impedi. Esse é que teria sido o crime, se eu os tivesse impedido. Mas eu nem sequer os impedi occultando-lhes o verdadeiro processo anarchista; logo que descobri o processo, disse-o claramente a todos. O proprio processo me impedia de fazer mais. Que mais podia eu fazer? Compellil-os a seguir o caminho? Mesmo que o pudesse fazer, não o faria, porque seria tirar-lhes a liberdade, e isso era contra os meus principios anarchistas. Auxilia-os? Tambem não podia ser, pela mesma razão. Eu nunca ajudei, nem ajudo, ninguém, porque isso, sendo diminuir a liberdade alheia, é tambem contra os meus principios. V. o que me está censurando é eu não ser mais gente que uma pessoa só. Porque me censura o cumprimento do meu dever de libertar, até onde eu o podia cumprir? Porque não os censura antes a elles por não terem cumprido o d'elles?

— Pois sim, homem. Mas esses homens não fizeram o que V. fez, naturalmente, por que eram menos intelligentes que V., ou menos fortes de vontade, ou...

— Ah, meu amigo: essas são já as desigualdades naturaes, e não as sociaes... Com essas é que o anarchismo não tem nada. O grau de intelligencia ou de vontade de um individuo é com elle e com a Natureza; as proprias ficções sociaes não põem pr'ahi nem prego nem estopa. Ha qualidades naturaes, como eu já lhe disse, que se pode presumir que sejam pervertidas pela longa permanencia da humanidade entre ficções sociaes; mas a perversão não está no grau da qualidade, que é absolutamente dado pela Natureza, mas na applicação da qualidade. Ora uma questão de estupidez ou de falta de vontade não tem que vêr com a applicação d'essas qualidades, mas só com o grau d'ellas. Por isso lhe digo: essas são já absolutamente as desigualdades naturaes, e sobre essas ninguém tem poder nenhum, nem ha modificação social que a modifique, como não me pode tornar a mim alto ou a V. baixo...

«A não ser... A não ser que, no caso d'esses typos, a perversão hereditaria das qualidades naturaes vá tão longe que attinja o proprio fundo do temperamento... Sim, que um typo nasça para escravo, nasça naturalmente escravo, e portanto incapaz de qualquer esforço no sentido de se libertar... Mas nesse caso..., nesse caso..., que tem elles que vêr com a sociedade livre, ou com a liberdade?... Se um homem nasceu para escravo, a liberdade, sendo contrária á sua indole, será para elle uma tyrannia.

Houve uma pequena pausa. De repente ri alto.

— Realmente, disse eu, V. é anarchista. Em todo o caso, dá vontade de rir, mesmo depois de o ter ouvido, comparar o que V. é com o que são os anarchistas que pr'ahi ha...

— Meu amigo, eu já lh'o disse, já lh'o provei, e agora repito-lh'o... A differença é só esta: elles são anarchistas só theoreticos, eu sou theoretico e práctico; elles são anarchistas mysticos, e eu scientifico; elles são anarchistas que se agacham, eu sou um anarchista que combate e liberta... Em uma palavra: elles são pseudo-anarchistas, e eu sou anarchista.

E levantámo-nos da mesa.

Lisboa, Janeiro de 1922.

CABRAL
COUTINHO

No proximo numero publicaremos
o estudo critico de Fernando Pessoa:
ANTONIO BOTTO E O IDEAL
ESTHETICO EM PORTUGAL

*Interim... Augustina, O prep. de Botto & o est. para...
(Botto)*



ERNESTO DO CANTO
VARINAS

DO
LIVRO DE VERSOS
DEIXADO INÉDITO POR
MARIO DE SÁ-CARNEIRO
POEMAS DE PARIS



Paris da minha ternura
Onde estava a minha Obra—
Minha Lua e minha Cobra,
Timbre da minha Aventura.

Ó meu Paris, meu menino,
Meu inefavel brinquedo...
—Paris do lindo segrêdo
Ausente no meu destino.

Regaço de namorada,
Meu enleio apeteçido—
Meu vinho d'Oiro bebido
Por taça logo quebrada...

CABRAL
COUTINHO

Minha febre e minha calma —
Ponte sôbre o meu revez:

Consolo da viuvez

Sempre noiva da minh'Alma...

Ó fita benta de côr,
Compressa das minhas feridas...

— O' minhas unhas polidas,

— Meu cristal de toucador...

Meu eterno dia de ânos,
Minha festa de veludo...

Paris: derradeiro escudo,

Silencio dos meus enganos.

Milagroso carroussel
Em feira de fantasia —

Meu orgão de Barbaria,

Meu teatro de papel...

Minha cidade-figura
Minha cidade com rosto...

— Ai, meu acerado gosto,

Minha fruta mal madura...

Mancenilha e bem-me-quer,
Paris — meu lobo e amigo...

— Quisera dormir contigo,

Ser todo a tua mulher!...

COUTINHO
CABRAL

Paris — setembro de 1915

LE PARC DU MYSTÈRE PAR RACHILDE & F. DE HOMEMCHRISTO

Madame.

LORSQUE votre lettre m'est parvenue hier soir j'ai d'abord tenté de la déchiffrer puis, découragé, je l'ai passée à ma dactylographe qui l'a traduite sur sa machine en bons caractères ronds. Après quoi, débarrassé du cauchemar de cette écriture inégale, capricieuse et fantasque, je l'ai lue le soir au coin de mon feu — un feu d'enfer! — et savourée lentement, à petits traits, dans l'isolement hermétique du vaste pensoir que vous connaissez, où nul bruit du dehors en pénètre et où j'ai coutume de m'enfermer, après le dîner, avec un havane qui me tient compagnie sans me heurter, témoin sceptique et muet de mes impatiences d'une heure, de mes amertumes et de mes joies.

Je ne bois jamais de liqueur. J'abomine ces boissons toxiques. Mais je comprends, je sais le plaisir qu'elles causent à certains hommes. Le soir où je dois lire une lettre de vous, je le fais avec la dévotieuse volupté que mettent les amateurs à avaler par petites gorgées compassées un verre de *Vieille Cure*.

Seulement, votre esprit n'a pas toujours le même goût. Vous êtes une irrésistible force de la nature, contradictoire, tendre et cruelle, parfois étrangement lumineuse et aussitôt impénétrable comme un puits de mystère. Vous êtes un terrain dangereux sur lequel il ne fait pas bon aux faibles de s'aventurer. Et c'est peut-être pour cela — certainement pour cela — que je vous aime. Parce que votre cerveau, pareil aux sables mouvants dont parlent les grands voyageurs du désert, exite mon orgueilleuse confiance en moi-même, m'attire... et ne m'effraye pas.

Souffrez, Madame, qu'en ma réponse je fasse preuve de quelque prudence. Votre lettre est un guet-apens. Vous me croyez téméraire. Vous vous trompez. Mon courage est un moyen au service de mon intelligence. Il ne commande pas; il obéit. Cette richesse naturelle, qui chez certains se traduit en faiblesse parce qu'elle inspire et domine leurs actes, n'est chez moi qu'un agent d'exécution auquel je fais appel lorsque ma raison a pris, en toute liberté, ses déterminations. Cela vous expliquera pourquoi, ayant cent fois risqué ma vie, ma réputation, mon avenir et ma sécurité, je ne me suis jamais cassé les reins. J'ose, mais tandis que les héros et les martyrs le font les yeux fermés, je n'ai jamais osé, moi, que les yeux ouverts. Ainsi je ne suis — au contraire de ce que vous semblez croire — ni un héros, ni un

ses effets et ne s'élançe qu'avec mille invisibles précautions. Mon audace même, que j'ai tout martyr. Je suis un homme sage, qui mesure ses pas, pondère ses gestes, raisonne froidement à tout entendu vanter et déplorer n'est encore, Madame, qu'une attitude choisie par mon odieuse lucidité.

Vous le voyez, je me déshabille. Mais que votre amitié se rassure ! Je dirai suffisamment pour vous intéresser et pas assez pour me compromettre. Je me regarde !

Oui Madame il y a le mystère. Le mystère insondable, inaccessible, éternel. Il est à l'origine et à la fin de toute chose. Il pèse sur vous, sur moi, sur l'humanité entière, enveloppe la terre comme l'univers, noie nos âmes, désespère nos pauvres cerveaux las de souffrir pour la découverte d'une vérité toujours proche, mille fois pressentie et jamais atteinte. Vous le niez donc ce mystère qui est dans vos yeux, dans votre âme inquiète, dans les héros de vos romans, dans les paysages que vous peignez, dans l'atmosphère créée par le démon de votre génie ? C'est votre dernière ressource. Vous niez ce que vous ne pouvez détruire ? Prenez garde, Madame, à l'intempérance de votre orgueil ! Elle peut vous jouer un vilain tour. Vous vous trouverez soudain désemparée en face de l'écroulement total de votre philosophie lymphatique de la Négation, — et l'Inconnu prendra sur vous une revanche terrible. Ce sera le marasme, l'angoisse de la nuit interminable, la marche à tâtons dans les sentiers vierges du Parc du Mystère où vous entrerez malgré vous, entraînée par la puissance de la Destinée devant laquelle ploient tous les genoux et toutes les têtes se courbent, vaincues — ou vaincues.

Je crois à notre ignorance totale devant l'immensité du mystère humain et surhumain.

Je crois à la force de mon intelligence comparée à celle des autres hommes, et à son succès si elle est appuyée par une énergie implacable, par une volonté tenace, par ma décision irrésistible de vaincre et d'atteindre, non pas la gloire ou l'argent mais l'une, l'autre et beaucoup plus que ce que les hommes désirent, possèdent ou rêvent de posséder.

Je crois à la Mort, terme de ma carrière actuelle et anéantissement inévitable, si elle vient avant dix ans, d'une oeuvre à peine ébauchée. Je ne la souhaite pas. Je ne la crains pas. Mon âme doit être assez forte pour résister au changement de climat et parvenir, vivante, à sa nouvelle demeure où elle jouera, j'espère, un rôle capital.

Je crois en Dieu quand je prie, en la mort quand je suis en automobile, en l'amour quand je suis dans les bras d'une femme aimée et en moi — quand j'entreprends une chose difficile.

Voici, Madame, les quatre extraits qui composent le parfum de mon mouchoir. L'aimez-vous ?

Soyez indulgente pour ma fatuité et laissez-moi vous baiser les mains.

HOMEM CHRISTO

P. S. J'oubliais de vous dire que je crois aussi à l'amitié lorsque je pense à tout ce que je vous dois.

Por ter chegado demasiado tarde o original de Fernando Pessoa
ANTONIO BOTTO E O IDEAL ESTHETICO EM
PORTUGAL, fica a publicação d'este artigo
para o numero seguinte
